

A Teologia Ficcional
de José Saramago
Aproximações entre Romance
e Reflexão Teológica

Marcio Cappelli



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Avenida de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

prelo.incm.pt

www.facebook.com/ImprensaNacional

editorial.apoiocliente@incm.pt

© 2019 Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Marcio Cappelli

Título: *A Teologia Ficcional de José Saramago — Aproximações entre Romance e Reflexão Teológica*

Autor: Marcio Cappelli

Coordenação científica: Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (CITER)
da Universidade Católica Portuguesa (UCP)

Edição: Afonso Reis Cabral

Revisão: Carlos Jesus

Capa: Estúdio João Campos

Paginação: Ana Seromenho

Impressão e acabamento: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Este livro foi composto em caracteres Adobe Caslon Pro para o miolo, Futura BT para os títulos,
e impresso em papel Coral Book Ivory, 90 g

1.ª edição: maio de 2019

ISBN: 978-972-27-2754-9

Depósito legal: 451413/19

Edição n.º: 1023175

A Teologia Ficcional
de José Saramago
Aproximações entre Romance
e Reflexão Teológica

Marcio Cappelli



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Índice

- 13 **Agradecimentos**
- 15 **Prefácio**
- 17 **Introdução**
- 25 **1. Teologia e literatura: encontros e desencontros**
- 25 A íntima relação entre dois saberes
- 30 O caráter literário da Bíblia
- 42 A teologia como literatura na Patrística
- 50 Teologia e literatura no medievo
- 57 A tensão entre teologia e literatura na modernidade
- 66 A possibilidade da reaproximação
- 73 Conclusão
- 75 **2. Teologia de mãos dadas com a literatura: reaproximações**
- 88 Uma classificação quase impossível
- 90 A reflexão teológica a partir da antropologia literária
- 93 Teopoética
- 97 A literatura como expressão teológica não teórica
- 104 Conclusão
- 109 **3. Teologia ficcional**
- 110 A literatura como intérprete recriadora: o caso do romance
- 113 Origens e desenvolvimento do romance
- 121 O romance como intérprete da vida
- 125 O potencial imaginativo-transformativo do romance
- 131 Aportes teológicos para uma «teologia ficcional»
- 143 O poder teológico da ficção romanesca
- 163 Conclusão
- 165 **4. O ateísmo como *locus theologicus***
- 186 Conclusão

| | |
|-----|---|
| 191 | 5. Os procedimentos da escrita ficcional de José Saramago |
| 192 | Intertextualidade na obra saramaguiana |
| 197 | Carnavalização nos romances saramaguianos |
| 205 | Conclusão |
| 207 | 6. A «teologia ficcional» nos romances bíblicos de José Saramago |
| 211 | Questões teológicas no <i>ESJC</i> |
| 213 | Personagens-marionetas: a inescapável vontade do Deus saramaguiano |
| 215 | O narrador teólogo |
| 218 | «Deus é medonho»: Maria de Magdala e a resistência à misoginia consagrada |
| 222 | Um Jesus humano, demasiado humano <i>versus</i> Deus |
| 223 | Aprender o corpo: <i>eros</i> e realização humana em Jesus |
| 228 | O prenúncio do fim trágico de Jesus: liberdade humana e soberania divina |
| 232 | Jesus entre um Diabo-Deus e um Deus-Diabo |
| 238 | Jesus, vítima de Deus |
| 241 | Questões teológicas em <i>Caim</i> |
| 242 | Adão e Eva «às voltas» com Deus |
| 252 | Caim e Deus: da oferta ao confronto |
| 254 | As viagens temporais de Caim: um itinerário teológico |
| 267 | Conclusão |
| 269 | Conclusão geral |
| 275 | Referências bibliográficas |
| 295 | Anexo — Entrevista a Pilar del Río |
| 301 | Sobre o Autor |

Introdução

Em frente ao Tejo, a pouca distância da entrada da Casa dos Bicos, sede da Fundação José Saramago, em Lisboa, junto a uma oliveira transplantada da Azinhaga, foram depositadas as cinzas do escritor, ladeadas por duas placas de pedra embutidas no chão, sendo uma delas inscrita com a última frase do romance *Memorial do Convento*: «Mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia.» Esta imagem que reúne os restos mortais de Saramago e a bela e forte oliveira da aldeia onde passou a infância com seus avós é uma boa metáfora para traduzir o significado de sua obra, capaz de recolher paisagens existenciais belíssimas e, simultaneamente, sem subterfúgios, retratar as angústias fundamentais que compõem o complexo tecido da vida humana.

A grandeza de sua literatura é inegável. Assim como é difícil passar pela Rua dos Bacalhoiros àquela altura e não notar a árvore que se ergue do fragmentado chão de cimento, as páginas nascidas da pena de Saramago saltam aos olhos por atravessarem a nossa despedaçada realidade, captando-a com todos os contornos de seus absurdos e projetando-a para além de si mesma com contundência e sensibilidade. Certamente, José Saramago está entre os escritores mais importantes da língua portuguesa, dos que forjaram uma nova maneira de fazer literatura.

A atração por sua obra foi, desde cedo, elemento fundamental na construção deste trabalho. Num primeiro contacto fomos seduzidos pela habilidade saramaguiana ao organizar as palavras e pela beleza, complexidade e inventividade com que constroem seu universo romanesco. Sua maneira de escrever, preocupada com a reprodução da oralidade, sua ironia, liberdade, contundência e sensibilidade poética no tratamento de temas consagrados, fez, aos poucos, saltar aos olhos uma capacidade singular de penetrar nos mistérios humanos.

1

Teologia e literatura: encontros e desencontros

A partir dos desafios de aproximar a teologia da literatura é que se impõem as tarefas desse capítulo. O que propomos, portanto, é assinalar onde elas se entrelaçam e onde elas se separam, quais caminhos tomaram e o que foi decisivo para que tomassem tais caminhos. Assim, num primeiro momento, procuraremos mostrar as origens dessa relação, as raízes literárias da própria teologia para, posteriormente, detetar alguns fatores que causaram o aparente estranhamento entre os dois saberes. Em seguida, destacaremos em que sentido o cenário atual parece favorecer uma reaproximação entre o saber literário e o teológico.

A íntima relação entre dois saberes

«No princípio era a palavra!», afirma o prólogo poético joanino. Isto não quer dizer pouco. Se visto como uma espécie de recurso metalinguístico, que fala da palavra de Deus na palavra literária, a poesia sobre o «Deus-palavra» aponta para a indissociabilidade que marca a construção da teologia e da literatura. Ambas são irmãs e a imaginação transfigurada em poesia, por exemplo, foi fundamental para a formação dos ritos religiosos. No entanto, com o passar do tempo, a teologia foi cristalizando-se e tornando-se «sisuda», enquanto que a literatura pareceu sempre mais irreverente, o que acabou criando certa desconfiança e conflito entre as duas.¹

¹ Cf. Tenório, W. «Meu Deus e Meu Conflito». Teologia e Literatura», *IHU On-Line*, 17 de março de 2008. Disponível em <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1205796599.74pdf.pdf>> acesso em 28 de março de 2015.

É possível ver uma extensa afinidade entre os dois saberes, começando pela Antiguidade, com a doutrina do «entusiasmo» — *em-théos*, que denota literalmente: ter a Deus ou deuses dentro de si — e a «inspiração» — *in-spirar*, que significa ter dentro o Espírito —, associadas tanto ao fazer poético, quanto ao vocabulário teológico para descrever a atividade que fez nascer, por exemplo, os escritos bíblicos. Podemos nos referir à aproximação da poesia à profecia e, até mesmo, alargar tal ideia para aplicá-la à figura de Jesus de Nazaré, como destacou Pagola, ao nomeá-lo como «poeta da compaixão»² ou, como Espinel, «um mestre que ensina poeticamente»³ e ainda ir mais longe, e percebê-lo como o grande ficcionista cujo tema central é o reino de Deus.

Alonso Schökel, ao comentar o texto de Jeremias (Jr 20, 7-9), compara o sentimento do profeta ao do literato: «o profeta sente a palavra do Senhor vitalmente dentro de si: como um fogo nos ossos, como lava ardente de um vulcão [...]. Não se assemelha isso à compulsão criativa atestada por alguns escritores?»⁴. Se considerarmos a concepção sobre os profetas, segundo a qual estes são portadores do *pathos* divino, expressão da vontade de um «Deus» que não permanece neutro frente às injustiças. Ou seja, se avaliarmos o profeta como alguém a quem é comunicado o entendimento de um mistério que é experimentado como vivo no mais íntimo do seu ser⁵, nos aproximamos da comparação de Schökel. Deste modo, concordamos que o profeta é como um poeta que sofre um *raptus mentis*, de onde surgem suas imagens poéticas decorrentes da comunicação do *pathos* divino. Ou seja, a empatia divina expressa-se em imagens poéticas da literatura bíblica. Nesse sentido, o *furor poeticus* não é totalmente diferente da inspiração profética, em que, à semelhança do poeta, o profeta é dotado de sensibilidade, entusiasmo, ternura e um pensamento imaginativo de modo que a profecia é o produto da sua «imaginação poética»⁶.

² Cf. Pagola, J. A. *Jesus: Aproximação Histórica*. Petrópolis: Vozes, 2012, pp. 145-186.

³ Espinel, J. L. *La poesía de Jesús*. Salamanca: San Esteban, 1986, p. 16 (tradução livre).

⁴ Schökel, A. *A Palavra Inspirada: A Bíblia à luz da Ciência da Linguagem*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 62.

⁵ «The prophets had no theory or “idea” of God. What they have was a *understanding*» Heschel, A. J. *The Prophets*, II. Peabody: Hendrickson Publishers, 2007, p. 3.

⁶ Mariano, A. V. B. *Teologia e Literatura como Teopatodiceia: Em busca de Um Pensamento Poético Teológico*. Tese de doutoramento defendida no Departamento de Teologia da PUC-Rio, 2013, pp. 275-276.

Desse modo, é admissível afirmar que a poesia e, por extensão, outras linguagens artísticas⁷ são epifânicas, pois trazem no seu bojo a experiência da realidade e desvelam o real de uma maneira tão diferente que linguagens como a filosófica e a científica não alcançam. A experiência poética possui uma semelhança fenomenológica com a experiência religiosa, mística, profética: surge de um *pathos* e é expressa pela imagem, pela metáfora que traduz o indizível.

A profecia e a poesia extrapolam o sentido corriqueiro da palavra e nascem de uma experiência com o real que na tradição judaico-cristã é chamado de Deus. A inclinação do poeta é semelhante à do profeta. Este se sente convocado a dizer uma palavra divina. Aquele experimenta algo que o impele a anunciar a beleza que roça as franjas do cotidiano metamorfoseando-o. Assim como a poesia se torna para a vida do poeta irresistível, o profeta sente-se irremediavelmente ligado à sua vocação: «Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir!» (Jr 20, 7).

Esta relação pode ser estendida até Jesus de Nazaré. Em continuidade com a tradição poético-profética, porém num modo próprio e criativo de apresentar as *mashal*⁸, ele assume a linguagem poética⁹ e apresenta à sua audiência um Deus acessível e amoroso (Lc 15,

⁷ Recorremos ao que diz a poetisa Adelia Prado: «A poesia, a poesia verdadeira é sempre “epifânica”; ela revela e a beleza dela é isto. A beleza não é o assunto. Eu posso falar pessimamente sobre pores-do-sol e madrugada e fazer um texto insuportável. Em arte, a beleza não é do tema, é da forma. E se a beleza está na forma qualquer assunto me serve, qualquer coisa é a casa da poesia. Ela não recusa absolutamente nada que diz respeito à experiência humana, porque ela guarda, na sua forma, exatamente esta revelação — é só “olhos de ver” [...]. É uma linguagem divina. A linguagem da arte é divina. Isto não é uma força de expressão.» In Costa, C. «Oráculos de Um Coração Disparado», *Poesia Sempre*, Biblioteca Nacional, ano 13, n.º 20, março de 2005, pp. 14-15.

⁸ Joachim Jeremias fala das *mashal* como o gênero peculiar da parábola no universo hebreu distinto, por exemplo, da alegoria grega. Cf. Jeremias, J. *As Parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004, pp. 7-15.

⁹ Cf. Hedricks, C. *Parable as Poetic Fictions. The Creative Voice of Jesus*. Massachusetts: Hendrickson, 1994. Moltmann afirma que a linguagem poética é a forma artística da linguagem metafórica e posteriormente fala, seguindo E. Jünger, que as parábolas podem ser entendidas como «metáfora ampliada», já que esta usa uma imagem na comparação enquanto aquelas se utilizam de uma sequência de imagens ou uma história curta. Neste sentido, elas têm em comum a linguagem metafórica. Cf. Moltmann, J. *Experiências de Reflexão Teológica: Caminhos e Formas da Teologia Cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2004, pp. 140-142.

11-32). Segundo Espinel, a apresentação poética de sua mensagem, sobretudo como percebida nas parábolas, não deve ser vista só como um recurso meramente pedagógico, usado apenas como adorno para facilitar o aprendizado dos ouvintes, mas uma característica intrínseca à sua mensagem particular, que o caracteriza como alguém que fala «como profeta, como quem bebe diretamente de uma profunda experiência»¹⁰.

Mas o que seria a parábola? De uma maneira simples, podemos caracterizá-la como uma ficção que, em princípio, começa por estabelecer uma relação muito próxima com o quotidiano, mas, a um dado momento, deixa de fazer sentido à luz dos conceitos e da lógica estabelecida. O cenário de um pai que tem dois filhos, com um problema, é um conflito que poderia até fazer parte da vida das famílias. Contudo, o acolhimento do pai e a restituição da condição filial é absolutamente inédita. Há aí uma parte que é a vida normal do quotidiano, a existência, e depois há sempre uma parte na parábola de Jesus que descola da realidade e do mundo tal como está construído, precisamente para nos mostrar que o reino de Deus é diferente, e pede uma atitude de vida diferente dos que o acolhem. Nas parábolas, Jesus quer abrir o coração a uma novidade, quer introduzir sua audiência numa nova experiência. As parábolas são, neste sentido e ao mesmo tempo, um ponto de contacto e de distanciamento da realidade para que os ouvintes possam olhar para o mundo, para a vida, para si mesmos, não apenas com os próprios olhos, mas a partir do «olhar do Reino de Deus».

A utilização particular das parábolas feita por Jesus tem a ver com um «viver parabólico». Conforme ressalta Leander Keck: «Jesus concentrou-se em um discurso parabólico porque ele próprio era um evento parabólico do reino de Deus.»¹¹ Sallie McFague, ao elaborar os pressupostos para uma teologia metafórica, salienta que uma teologia metafórica começa com as parábolas de Jesus e com Jesus mesmo como uma parábola de Deus.¹² Se podemos afirmar que

¹⁰ Espinel, J. L. *La poesia de Jesús*, p. 15 (tradução livre).

¹¹ Keck, L. *A Future for a Historical Jesus. The Place of Jesus in Preaching and Theology*. Philadelphia: Fortress Press, 1981, p. 244 (tradução livre).

¹² Cf. McFague, S. *Metaphorical Theology. Models of God in Religious Language*. Philadelphia, Fortress Press, 1982, p. 18. Esta nomenclatura pode ser interpretada em outra direção. Segundo Moltmann, a relação de Jesus com Deus é mais que uma parábola, é caracterizada pela filiação divina. Dizer que Jesus é parábola de Deus não é a mesma coisa que dizer que Jesus é Filho de Deus e, neste sentido, o pensamento

Jesus encontrou nas parábolas a força discursiva para despertar os corações até o mistério do Deus vivo e compassivo, já que ele as utilizava não somente como um mestre em compor belos relatos para entreter os ouvidos e o coração daqueles camponeses, ou ainda, tampouco, apenas como ilustração para a sua doutrina a fim de que estas pessoas simples pudessem captar elevados ensinamentos, devemos também afirmar que este recurso estava intimamente ligado à maneira como vivia em abertura radical ao seu Abba.

Portanto, é preciso lembrar que, ao utilizar imagens do cotidiano de pescadores e camponeses, seu objetivo era, sobretudo, convidar a uma experiência de abertura ao reino de Deus. Conforme sublinha Espinel:

Jesus não trata de definir a essência do reino de Deus. [...] Mas, por trás de cada metáfora sua, está a experiência do divino, uma teofania, a mais alta vivência do mistério. Jesus transmite um conhecimento e uma vida cada vez que fala com linguagem poética. Não quis se calar embora tenha conhecido o inefável, tampouco optou por buscar uma conceptualização lógica.¹³

Jesus não elabora conceitos, mas conta, nas parábolas, algo acerca de Deus.¹⁴ «Ao que parece, não lhe era fácil contar por meio de conceitos o que ele vivia em íntimo»¹⁵, ressalta Pagola. Isto segue na linha do que alguns estudiosos vêm dizendo sobre a insuficiência do que podemos chamar de paradigma especulativo, conceitual ou teórico e a necessidade de voltar à literatura, não somente para tornar a linguagem da fé mais atraente, mas para penetrar as entranhas do mistério através de uma experiência estética que exige considerar a beleza mesma como verdade e não apenas como ornamento, isto é, a própria imaginação como linguagem de fé. O teólogo irlandês Michael Paul Gallagher enfatizou que é vital refletirmos sobre as possibilidades de usarmos a imaginação para recuperarmos alguma frescura e potencialidade da reflexão teológica. Para ele, «o campo

trinitário estaria prejudicado porque a parábola pressupõe apenas uma semelhança, enquanto, na trindade, o Filho é consubstancial (*homoousios*) ao Pai. Cf. Moltmann, J. *Experiências de Reflexão Teológica*, pp. 143-144. Todavia, ao falarmos de Jesus como parábola não temos a intenção descaracterizar a relação Pai-Filho.

¹³ Espinel, J. L. *La poesía de Jesús*, p. 268 (tradução livre).

¹⁴ Cf. Jünger, E. *Dios como misterio del mundo*, p. 389.

¹⁵ Pagola, J. A. *Jesus: Aproximación Histórica*, p. 145.

Sobre o autor

Marcio Cappelli é doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com estágio na Universidade Católica Portuguesa. É professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo e membro da Associação Latino-Americana de Literatura e Teologia e do Apophatiké — Grupo de Estudos Interdisciplinares em Mística. Estuda teologia, com ênfase em religiões, mística e modernidade, e a relação entre a literatura contemporânea e o pensamento teológico.

Outros títulos nesta coleção

A Religião no Espaço Público Português

Helena Vilaça e Maria João Oliveira

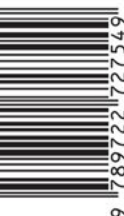
Livro, Texto e Autoridade

Rita Mendonça Leite

A coleção Estudos de Religião, coordenada pelo Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa, acolhe estudos e ensaios multidisciplinares sobre as religiões e as dimensões religiosas da cultura. Além de estar aberta à interpretação de textos religiosos e teológicos, visa melhor compreender as multivulências, identidades e dinâmicas sociais no campo religioso, promover o estudo das práticas, das mediações e da memória religiosa das sociedades, bem como analisar as teorias da religião.

O que têm a literatura e a teologia em comum? Será possível falarmos em caráter teológico da ficção romanesca? Podemos dizer que um autor ateu como José Saramago produziu algo como uma «teologia ficcional»? A obra que aqui apresentamos tenta responder a estas e outras questões. Pensando a literatura como expressão teológica autêntica, mesmo em formato não teórico, procura-se desvendar o universo saramaguiano. Apesar de o ateísmo ser um fator determinante na escrita de Saramago, percebe-se que o recurso à Bíblia, quer seja para a criticar ou homenagear, revela o que poderia ser apelidado de «construção teológica desconstrutiva». A esta luz, podemos não só conhecer melhor a obra de José Saramago, como contribuir para que a teologia enriqueça com as provocações saídas da pena deste escritor fascinante.

«Refletir sobre as origens fundacionais da civilização em que viveu foi para Saramago condição de humanidade. Abordou os mitos religiosos a partir de uma lógica literária que lhe permitiu distinguir vozes de ruídos, construir e desconstruir, fragmentar o tempo e redimensionar o absoluto. A mesma atitude de procura em liberdade pode ser observada na obra de Marcio Cappelli. Partindo do rigor científico e do conhecimento da Bíblia, entra na escrita de José Saramago e chega a conclusões até agora nunca descritas: pode-se identificar uma certa teologia na obra saramaguiana porque o mistério vai além dos códigos e a honestidade apresenta facetas diversas. O pulso narrativo de Marcio Cappelli aproxima o universo teológico do leitor de romances, trata-se de uma tese que se lê com facilidade e prazer, com a sensação de chegar a casa e encontrá-la mais bem iluminada. O título não deve assustar, esta “teologia ficcional” fala de seres humanos para quem o absoluto é parte da vida, tal como a rutura, a curiosidade e o amor. Este livro também foi escrito para os leitores que se interessam por literatura. É uma obra literária.»
Pilar del Río



CATOLICA

CITER - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
EM TEOLOGIA E ESTUDOS DE RELIGIÃO

BRAGA • LISBOA • PORTO